

AUTOR, OBRA, TEMÁTICA EDUCACIONAL E EFEITOS DE PRODUÇÃO DA OBRA TIL, DE JOSÉ DE ALENCAR

08

Gabrielly Estephany Melo Lima
Fernando Jorge dos Santos Farias

Enviado: 28/06/2023.

Aceito: 28/07/2023.

Gabrielly Estephany Melo Lima:

Graduanda do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará (UFPA). Participa do Projeto de pesquisa “Leituras do Romance Chão Dos Lobos, de Dalcídio Jurandir”. É integrante do Grupo de Pesquisa Fontes Literárias. Foi bolsita de Iniciação Científica UFPA-AF2021.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3993235515575060>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-9832-5435>

E-mail: gabriellythefamelo2018@gmail.com

Fernando Jorge dos Santos Farias:

Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP - 2018). Pela Universidade Federal do Pará - UFPA / Campus Altamira, atua como Professor Efetivo e Coordenador do curso de Especialização em Letras: Linguagem e Ensino.

Contato: ffarias@ufpa.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9197049319442628>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5265-8080>

Resumo: O artigo intenta apresentar uma leitura histórico-educacional do romance Til, de José de Alencar. Para esse fim, aproximou-se dos modos investigativos das pesquisas realizadas no campo histórico-educacional, elegendo-se três grandes pontos para discussão em torno da obra: o contexto de produção da obra, revelador dos diferentes aspectos da conjuntura enfrentada pelo autor para a confecção de seu romance; elementos

compositivos da obra como personagens, enredo e conflitos; os possíveis efeitos de produção, possibilitados a partir do contato com a obra, tanto em sua circulação primeira como em sua leitura atual. Dentre as conclusões atingidas, destaca-se o fato de José de Alencar, desaprovar as formas as quais os escravos estavam sujeitos, com seus serviços laboriosos, vistos como animais, seres desprovidos de inteligência. Nesse sentido, José de Alencar entendia que os escravos deveriam ser instruídos de ensino educacional para serem de fato inseridos no corpo social. Além disso, Alencar tratou temas pertinentes inseridos na população brasileira da época, sobretudo, são assuntos que ainda fazem parte da atualidade, como a dificuldade para obtenção do ensino de qualidade para os denominados da classe baixa. Em Til avista-se ainda a dualidade socioeconômica daquela época em que a elite esbanjava riquezas, enquanto os trabalhadores, negros, viviam em meio ao trabalho insalubre.

Palavras-chaves: Fontes Literárias; História da Educação; Materialidade.

Abstract: This article aims to present a historical-educational reading of the novel *Til*, by José de Alencar. To this end, it approached the investigative modes of research carried out in the historical-educational field, electing three major points for discussion around the work: the context of production of the work, revealing the different aspects of the conjuncture faced by the author for the making of his novel; compositional elements of the work such as characters, plot and conflicts, the possible effects of production, made possible from the contact with the work, both in its first circulation and in its current reading. Among the conclusions reached, we highlight the fact that José de Alencar disapproved of the ways in which slaves were subjected, with their laborious services, seen as animals, beings devoid of intelligence. In this sense,

José de Alencar understood that slaves should be instructed in educational education to be in fact inserted into the social body. In addition, Alencar dealt with pertinent themes inserted in the Brazilian population of the time, above all, they are subjects that are still part of the present time, such as the difficulty to obtain quality education for the so-called lower class. In Til one can also see the socioeconomic duality of that time when the elite squandered wealth, while the workers, blacks, lived in the midst of unhealthy work.

Keywords: Literary Sources; History of Education; Materiality.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em meados do século XIX a sociedade brasileira se deparava com o mais novo estilo de escrita literária - o Romantismo, estilo esse que encontrou em José Martiniano de Alencar, o José de Alencar, talvez, seu grande representante, sobretudo por desdobrar o estilo nos tipos romance indianista, regionalista e urbano.

É nesse bojo que surge o romance Til, publicado inicialmente em 1872 com o intuito de discutir a identidade nacional, isto é, a figura do homem nacional representante da verdadeira nacionalidade do povo brasileiro. Dentre os temas presentes na obra, merecem destaque as diferenças sociais de um Brasil eminentemente rural, as relações trabalhistas estabelecidas nas fazendas no século XIX - com sua extensão para as temáticas do cultivo do café, do trabalho escravo). Como um tema secundário, sublinha-se a proposta educacional ofertada aos escravizados, sendo esse aspecto interessante a artigo aqui proposto. Posta essa demarcação, passemos a seguir a focar mais detidamente em aspectos da vida do escritor, seus escritos e suas intenções, para, na sequência, pinçarmos as questões histórico-educacional avistadas em Til.

AUTOR, OBRA E UMA INTENÇÃO

O literato José Martiniano de Alencar Junior nasceu em Messejana, no Ceará, em 01 de maio de 1829, sendo resultado do relacionamento de Ana Josefina com o padre José Martino Pereira de Alencar, que, anos mais tarde, se tornaria senador cearense. Além desse notável aspecto em sua biografia, Silva (2004) enfatiza ainda que o escritor carregava consigo a garbosa consideração de ser neto de D. Bárbara de Alencar, uma pernambucana entendida como heroína na revolução de 1817:

Como exemplos significativos dessa afirmação podem-se mencionar sua avó, D. Bárbara de Alencar, um dos grandes nomes da Revolução de 1817, e seu pai, o Senador Alencar, um político influente que, dentre várias outras atuações, foi peça importante das atividades que levaram à Maioridade antecipada de Pedro II (SILVA, 2004, p. 25).

Aos 18 anos, Alencar iniciou seu primeiro romance Os Contrabandistas, porém, não o concluiu. Em 1848, mudou-se para Pernambuco e concluiu o curso de Direito, em 1851, na respeitada Faculdade de Direito de Olinda. Após sua formação acadêmica, segue para a cidade de Rio de Janeiro, onde começou a carreira na advocacia, colaborando no Correio Mercantil,

escrevendo para o Jornal do Comércio e, tempos depois, assumindo a função de gerente e redator-chefe do Diário do Rio de Janeiro. Em quase todos esses veículos de comunicação de sua época seu olhar se voltava para os acontecimentos da sociedade, sobretudo as questões políticas (BARBOSA, 2012).

Com a atividade trabalhista permeada pela escrita, pela produção com a palavra, não demorou muito para que publicasse seu primeiro romance, Cinco Minutos (1856), além de Cartas sobre a Confederação dos Tamoios (1856) além do romance O Guarani (1857 - em formato de folhetim), investimentos esses que lhe valeram projeção, sucesso, críticas e certa consagração no campo literário brasileiro[1].

Já inclinado à literatura, sua vertente política ganharia força somente em 1860, com a morte de seu pai. Nesse momento, José de Alencar retornou ao estado do Ceará com intuito de fazer propaganda política e se candidatar a Deputado-geral pelo Partido Conservador, conquistando êxito no pleito, debutou no poder executivo no ano seguinte, ainda com os pés aproximados da produção literária. Foi nesse contexto, segundo Silva (2004), que Alencar se dedicou às Cartas Políticas de Erasmo, uma série de epístolas direcionadas ao imperador cujo intento se fazia pela descrição da situação do país, além de duras críticas ao Partido Liberal e ao próprio Partido Conservador, demarcando então uma reconfiguração em sua trajetória:

Como exemplos significativos dessa afirmação podem-se mencionar sua avó, D. Bárbara de Alencar, um dos grandes nomes da Revolução de 1817, e seu pai, o Senador Alencar, um político influente que, dentre várias outras atuações, foi peça importante das atividades que levaram à Maioridade antecipada de Pedro II (SILVA, 2004, p. 25).

Mesmo focado na carreira política, José de Alencar dividia suas realizações com sua aptidão pela literatura escrevendo obras preocupadas com as tradições, a história da vida dos cidadãos brasileiros, em suma, a nacionalidade do Brasil, uma “representação alegórica da formação da nação, uma miniatura do Brasil” (BARBOSA, 2012, p. 21).

[1] Depois do grande sucesso do romance O Guarani (1857), José de Alencar conquistou uma vasta popularidade. Com essa popularidade, começou a escrever romances regionalistas, indianistas, urbanos, históricos, obras teatrais, poesias e crônicas. Dentro dessa diversidade artístico-literária, destacou-se também o romance Iracema, bastante exaltado por Machado de Assis, de forma que a admiração se fortalecesse a ponto de escolhê-lo como patrono de sua cadeira na Academia Brasileira de Letras.

É nessa perspectiva do autor, incomodado com a brusca libertação dos escravos, que, em sua leitura “causaria crises e prejuízos incalculáveis economicamente e socialmente” (FERREIRA, 2012, p. 116) e a necessidade de resgatar a figura dos povos indígenas, para ele, genuínos representantes do passado brasileiro, personagens ilustres de nossa história (SILVA, 2004), que surge a obra *Til*, permeada de elementos vivenciais, quer sejam experiências e ideias políticas, literárias, conjunturais e pessoais, como veremos a seguir.

A NATUREZA E A ATUALIDADE DA OBRA

Pode-se dizer que o romance *Til* foi publicado pela primeira vez nas páginas do jornal *A República*, em 1872. E no mesmo ano foram lançados quatro volumes da obra, pela “Editora Garnier”, a qual, tinha como fundador o Sr. Garnier, o mesmo, foi quem ofereceu um contrato para Alencar poder publicar as obras em sua editora, a partir daí, seus romances e o seu título como escritor começaram a ganhar mais prestígio (BORGES, 2013):

Como exemplos significativos dessa afirmação podem-se mencionar sua avó, D. Bárbara de Alencar, um dos grandes nomes da Revolução de 1817, e seu pai, o Senador Alencar, um político influente que, dentre várias outras atuações, foi peça importante das atividades que levaram à Maioridade antecipada de Pedro II (SILVA, 2004, p. 25).

As informações a respeito das primeiras publicações da obra *Til*, visam fortalecer o conhecimento vinculado ao princípio do lançamento do referido romance, o qual, se submeteu à uma formação histórica, e valores incontestáveis para a cultura do Brasil. Estas considerações reforçam os anseios de consolidação do processo de publicação de *Til*, haja vista, que se iniciou por um modelo que não se utilizar mais nos dias atuais (folhetins), mas, apesar disto, estes moldes foram fundamentais para a formação da literatura brasileira.

Nesse entrelace, torna-se necessário relatar o desenvolvimento da repercussão de *Til*, uma vez que, ao decorrer dos anos este romance ganhou grande destaque na literatura brasileira. Por consequência disto, o livro *Til* continua sendo publicado em diferentes edições, somando-se ao todo 28 edições até os dias atuais. Com base neste levantamento é importante apresentar algumas edições do livro, conforme mostra a Tabela abaixo:

EDIÇÕES DO LIVRO TIL, DE JOSÉ DE ALENCAR

	Ano	Edição	Editadora	Cidade
OBRA TIL (José de Alencar)	1872	1ª(4 Vol)	Livraria Garnier	Rio de Janeiro
	1905	2ª	Escala	São Paulo
	1946	3ª	Clube dos Livros	São Paulo
	1951	4ª	José Olympio	Rio de Janeiro
	1964	5ª	Melhoramentos	São Paulo
	1964	6ª	Edições Saraiva	São Paulo
	1973	7ª	Melhoramentos	São Paulo
	1980	8ª	Ática	Rio de Janeiro
	1997	9ª	Escala	São Paulo
	2007	10ª	Rideel	São Paulo
	2009	11ª	Martin Claret	São Paulo
	2012	12ª	Ateliê Editorial	São Paulo
	2012	13ª	Núcleo	São Paulo
	2012	14ª	Ática	São Paulo

	Ano	Edição	Editora	Cidade
OBRA TIL (José de Alencar)	2012	16 ^a	Best Bolso	Rio de Janeiro
	2015	17 ^a	Ciranda Cultural	São Paulo
	2015	18 ^a	Melhoramentos	São Paulo
	2015	19 ^a	BEST BOLSO	Rio de Janeiro
	2016	20 ^a	SESI-SP EDITORA	São Paulo
	2016	21 ^a	KWL	São Paulo
	2017	22 ^a	EGALAXIA	São Paulo
	2018	23 ^a	Ciranda Cultural	São Paulo
	2019	24 ^a	Principis	São Paulo
	2019	25 ^a	KWL	São Paulo
	2019	26 ^a	LAFONTE	São Paulo
	2020	27 ^a	LAFONTE	São Paulo
	2021	28 ^a	Penkal	São Paulo

Fonte: elaboração dos autores, 2021.

Com base nesses dados, nota-se, que o romance ainda é posto em circulação, compondo o quadro de obras atuais dentro do acervo literário brasileiro. Isto é resultado do trabalho significativo de José de Alencar para a literatura, e, é também consequência do compromisso que as editoras tem ao dispor uma nova materialidade para as obras, com as ilustrações, traduções, identidade visual, tipo de papel impresso, entre outras características que dão vida para um livro. Dessa forma, as editoras devem,

Ir além dos seus limites, mostrando que o significado do texto, seja canônico ou comum, depende das formas que o tornam possível de ler, ou seja, das diferentes características da materialidade da palavra escrita. Para objetos impressos, isso significava o formato do livro, o layout da página, como o texto estava dividido, se havia ou não imagens incluídas, convenções tipográficas e pontuação. (CHARTIER, 2014, p.20).

Assim, é verídico o quanto uma obra literária pode se transformar ao decorrer dos anos, sendo capaz de mante-se perceptível até séculos após sua publicação. Esses anseios são afirmados desde os primeiros anos durante a formação da humanidade, aonde as escrituras sagradas eram escritas em diferentes formas, e seus conceitos e fundamentos ainda continuam existentes na contemporaneidade.

PERSONAGENS, TIPOS SOCIOCULTURAIS

O escritor José de Alencar coloca os personagens da obra Til, como figuras representativas do povo brasileiro, podemos dizer então, que eles simbolizam alguns entrelaces do campo social do país, apresentando as imagens dos grandes fazendeiros, escravos, comerciantes, camponeses e agricultores, do interior de São Paulo, no período entre os anos 60 e 70. Como essa ambientação e disposições dos personagens, podemos enxergar uma vasta dimensão de dois mundos: da classe elite e o dos inferiorizados (menosprezados pelas políticas públicas).

Assim, em concordância com Barbosa (2014), a obra tem duas dimensões, na qual, a primeira dimensão diz respeito ao centro e a segunda dimensão à periferia, ou seja, de um lado tem o cenário da casa-grande e pelo outro lado a escravidão, conseqüentemente, trazendo uma nova relação pertencente a obra, pois, segundo Barbosa (2014, p.57) “a grande novidade trazida por Til é que, nele, dá-se um confronto entre o mundo da elite e o restante da sociedade”, essa descrição, define que Alencar, trouxe a visão de dois mundo

distintos e separados economicamente. Percebendo a complexidade carregada pelos personagens do romance, faz-se necessário apresentar os tipos de personagens e sua relevância para o espaço da desenvoltura da obra. Conforme sugere o quadro abaixo:

PERSONAGENS, TIPOS SOCIOCULTURAIS

Personagens	Tipo	Como é retratado	Exemplos no romance
Berta, Til/Inhá (personagem central)	Camponesa	Bonita e esperta	“Ela, pequena, esbelta, ligeira, buliçosa”
Brás	Aluno	Desajeitado	“Era feio, e não só isso, porém malamanhado e descomposto em seus gestos. Tinha um ar pasmo que embotava-lhe a fisionomia”
Besita	Camponesa	Uma moça admirável e reservada	“e quando se falava dela era para gabar o seu modo sério e o recato que sabia guardar com todos; o que mais admirava por ter perdido a mãe ainda criança, e viver quase sobre si”
Miguel	Agricultor	Menino esperto e de aparência robusta	“Ele, alto, ágil de talhe robusto e bem conformado, calcando o chão sob o grosseiro soco da bota com a bizzarria de um príncipe que pisa as ricas alfombras”
Luiz Galvão	Fazendeiro	Inteligente e de boa aparência	“estava o dono da casa, Luís Galvão, cujo aspecto franco e jovial granjeava a simpatia ao primeiro acesso. Era um homem bonito de fisionomia inteligente”

Linda	Fazendeira	Gentil e bonita	“o talhe delicado esbeltava-se ao natural; as longas pálpebras franjadas esquiavam-se desvendado os grandes olhos pardos cheios de uma ternura ebriante; e finalmente o botão de rosa da boca gentil”
Afonso	Fazendeiro	Astuto	“Mas nele a gentileza era um fogo de artifício; a índole jovial, que herdara do pai, lhe estava constantemente a brincar no gesto prazenteiro, e nas cascatas do riso cordial e folgazão.”
Jão Fera ou Jão Bugre	Capanga	Homem temido	“À orla do mato assomara o vulto de um homem de grande estatura e vigorosa compleição, vestido uma camisola de baeta preta, que lhe caía sobre as calças de algodão riscado apertava-lhe a cintura rija e larga faixa de couro mosqueado do cascavel”
Chico Tinguá	Comerciante	Desconfiado	“Olhe que o Tinguá é ressabiado”“Olhe que o Tinguá é ressabiado”
Domingão	Professor	Rígido	“Servia de mestre um latagão de verbo alto e punho rijo, que fora outrora ferrador e a quem chamavam de Domingão.”
Zana	Mucama	Doida	“observar Zana em distância, até que afinal se convenceu que era uma criatura inofensiva a mísera doida.”

Ribeiro ou Barroso	Cavaleiro	Rico e rebuçado	“Era o mesmo rebuçado que falava antes com Monjolo. Orçava pelos cinquenta anos; barroso da cara que lhe cobria uma barba ruiva e áspera como as cerdas da capivara; de mediana estatura e excessivamente magro; vinha trajado ao uso da terra: chapéu mineiro de flerto pardo, sob o qual via-se o lenço de Alcobaça que lhe servia de rebuço; ponche de pano azul forrado de baetilha, com a gola de belbute.”
Dona Ermelinda	Fazendeira	Dona da casa (esposa elegante de Luiz Galvão)	“Ocupava-a a dona da casa, senhora de 38 anos, e não formosa: porém tão prendada de inata elegância”
Faustino	Pajem	Trapaceiro	“Tinha-os pelas rédeas um mulato de libré de cor de pinhão, avivada de preto e escarlata, com botas envernizadas de canhão amarelo, e chapéu de oleado a meia copa. Recostado ao soalco do patamal com ares de capadócio”
Gonçalo suçuarana	Jagunço	Ameaçador	“O tal Gonçalo era um valentão; e tinha-se na conta dos mais façanhudos espoletas de toda aquela redondeza”
Nhà Tudinha	Caseira	Trabalhadeira	“Nunca se sentia tão feliz e contente como nos dias em que a apoquentavam de trabalho.”

Monjolo	Escravo	Homem íntegro	“Monjolo é negro de bem; quando ele dá sua palavra e aperta dedo mindinho, está acabado, é como rabo-de-macaco: quebra, mas não solta galho, por nada desta vida, nem que arrebente.”
---------	---------	---------------	---

Essas comunidades inseridas no romance são retratadas em um ambiente regional caracterizado por algumas fazendas e pequenas propriedades rurais dos camponeses. Assim, as disposições dos personagens ocorrem de maneira livre, e, essa liberdade é resultado da afinidade e do estado de paz em que se encontram os personagens no espaço que estão inseridos. Em um tom de liberdade, percebe-se que a maioria dos personagens estão intercalados no contexto social de classe baixa, contudo, não são considerados dependentes, visto que, os mesmos buscavam seus mantimentos básicos sem carecer da boa vontade de alguns fazendeiros. Nesse sentido, é relevante mencionar as características da caseira Nhá Tudinha, a qual era uma escrava doméstica que conseguia a subsistência para a sua família, sem tirar proveito da caridade que lhe ofereciam (SILVA, 2004).

Diante dessa questão, a veiculação de discurso de exaltação de um perfil de oposição ao trabalho “fixo”, podemos citar as características de João Fera, o qual acreditava que o trabalho comprometeria sua liberdade podendo ser comparado com escravo. Essa destacada oposição ao comprometimento de serviço, tornou-se uns dos pretextos para João Fera adentrar no mundo da criminalidade, ou seja, associar as atividades criminalistas como uma maneira de asseverar seus recursos financeiros. Neste sentido, essas ações eram vistas como uma ideia de estipular a sua valiosa liberdade e independência:

O trabalho, ele o tinha como vergonha, pois o poria ao nível de escravo. Prejuízo este, que desde tempos remotos dominava a caipiragem de São Paulo, e se apurava nesse homem, cujo o espírito de sobrançeria independência havia robustecido a luta travada contra a sociedade. (TEIXEIRA, 2012, p. 178)

Interessante notar que a relação de espaço e posicionamento dos personagens transmitem a ideologia de uma sociedade que se inter cruzam, haja vista, que essas figuras têm as devidas importâncias, tanto na ação como no discurso social presente na obra. Assim, consideramos que são abundantes as relações interdiscursivas abordadas pelos personagens, aliás, pode ser

uma retomada aos tempos arcaicos, pois, relembra a humanidade em um processo de busca pela independência pessoal e social, assim como uma visão simultânea ao que remete o aspecto do trabalho na sociedade remota.

O contexto social e regional que os personagens esboçam é demarcado pela incrível harmonização entre os escravos e os senhores, que se apropriam da alforria que são concebidos para comemorar alguns eventos importante ou até mesmo festas culturais:

No terreiro das palmas arde a grande fogueira.

É noite de São João:

Noite das ceias opíparas; dos roletes de cana, dos milhos assados e tantos outros regalados:

Noite, enfim, dos mastros enramados, dos fogos de artifício, dos logros e estripulias.

Outrora, na infância deste século, já caquético, tu eras festa de amor e de gulodice, o enlevo dos namorados, dos comilões e dos meninos, que arremedavam uns e outros. (TEIXEIRA, 2012, p. 257)

Essa ação caracterizava a especificidade da condição de entretenimento de alguns momentos de lazeres da vida dos escravos, que garantia a eles a possibilidade de trazer uma afonia para o espaço em que viviam, de forma espontânea. É, portanto, a ação que fazia a diferença na realidade dos escravos, pois, por mais que eles exercessem o trabalho árduo, tinham a oportunidade de se distraírem. Outro ponto semelhante à esta situação das disposições dos personagens escravos, é a relação das atividades que exerciam com os momentos de descanso que tinham no decorrer do dia, as vezes esses instantes de repouso eram prestigiados com risadas e diversão. Desse modo, as atividades escravistas são retratadas como difíceis, porém, também ocorria o equilíbrio entre o trabalho e a condição de satisfação uma vez que trabalhavam, bem como cantavam (SILVA,2004). Essa questão pode ser evidenciada no fragmento seguinte quando acentua que:

Na roça estavam os pretos no eito, estendidos em duas filas, e no manejo da enxada batiam cadencia de um canto monótono, com que amenizavam o trabalho:

Do pique daquele morro

Vem descendo um cavaleiro

Oh! gentes, pois não verão

Este sapo num sendeiro?

Aduavam o monte com uma descomposta risada e logo soltavam um riso gutural (TEIXEIRA, 2012, p. 109).

Fica claro que esses posicionamentos dos personagens estão entrelaçados com os aspectos sociais dos senhores e dos escravos na fazenda de Palma, transmitindo um certo estado de paz. Sobretudo, é importante mencionar que também havia conflitos internos, ou seja, aconteciam desentendimentos entre os próprios escravos, mais precisamente, entre os escravos das lavouras e os domésticos:

As duas rivais se afrontaram com o olhar, por diante da cara desfaçada do mulato. Os alvos dentes de Rosa brilharam engastados em um riso de escarnio, que lhe arregaçava os lábios carnudos; e dentre as fendas dos incisores partiu um rápido esguicho, que bateu em cheio na cara da outra. (TEIXEIRA, 2012, p. 277).

Outrossim, é relevante retornar aos anos 70, época da publicação de Til, considerando o quanto que a Igreja tinha o poder de influenciar o pensamento e o comportamento da sociedade daquele período, seguindo essa ideologia, percebe-se, que a personagem principal, Beta, tem suas virtudes semelhantes à de uma Santa, sendo capaz de operar pequenos milagres no decorrer da história,

As duas rivais se afrontaram com o olhar, por diante da cara desfaçada do mulato. Os alvos dentes de Rosa brilharam engastados em um riso de escarnio, que lhe arregaçava os lábios carnudos; e dentre as fendas dos incisores partiu um rápido esguicho, que bateu em cheio na cara da outra. (TEIXEIRA, 2012, p. 277).

Dessa forma, entende-se que a obra de José de Alencar não é apenas um romance regionalista, como também é sentimentalista, uma vez que, a protagonista da história é uma representação da caridade e do amor cristão, basicamente a representação da personificação do bem.

Quanto ao lugar dos personagens, pode-se dizer que está mesclado numa sociedade marcada pela diversidade cultural e social, bem como a relação da comunidade, natureza e as formas de uso e apropriação do espaço, definindo os modos de vida dos camponeses de forma geral. Por consequência disto, a maneira como os personagens falam é resultado dessa simplicidade do interior regional, pois os personagens foram caracterizados pelo autor a valorizar aquilo que é próprio da região, como por exemplo a linguagem simples com traços regionalista, as quais, os atuentes utilizam para se comunicar. Sobretudo, com a exceção da escrava Zana, pois, ao enlouquecer sofreu consequências mentais e não conseguiu falar. (TEIXEIRA, 2012).

CONTEXTO DE PRODUÇÃO, TEMÁTICA EDUCACIONAL

De forma reiterativa, é necessário situar a obra *Til* dentre as grandes obras daquilo que se rotulou romances regionalistas brasileiro. No que concerne a sua materialidade, sabe-se que foi publicado em meados do século XIX, eventualmente, no formato de folhetim, o que, felizmente, contribuiu para o fortalecimento da obra, uma vez que o leitor criava novas expectativas para dar continuidade ao próximo capítulo.

O folhetim, vale aqui um parêntese necessário, era um espaço livre no rodapé do jornal, destinado a contribuir com o entretenimento do leitor. José de Alencar se vale do folhetim-romance, de acordo com Ferreira (2012, p. 46), para veicular suas ideias acerca da cultura, política, escravidão, por exemplo. Ele se apropria desse modelo e conquista o público, tornando-se evidente o fortalecimento do ato da leitura para a sociedade contemporânea daquele momento, e, por conseguinte, da literatura brasileira que ganhava corpo:

dependiam do talento do escritor para cativar o público, e mais do que isso, o folhetim representava um grande exercício na medida em que a literatura brasileira ia se formando e se afirmando a partir de um público fiel que adquiria o hábito de leitura. José de Alencar teve sucesso nas duas modalidades do folhetim tendo se 'iniciando como cronista' e posteriormente tornou-se um consagrado escritor de romances (FERREIRA, 2012, p. 46).

É interessante declarar que, *Til* foi idealizado durante uma viagem de José de Alencar para a cidade de Campinas, em São Paulo, onde o escritor avistou durante a passagem um vasto cenário para sua futura obra regionalista. Logo, Alencar analisou as relações entre o homem e a natureza e as formas de uso e apropriação de espaço, caracterizando as diversidades da vida simples no campo e as questões econômicas da população, tais como as plantações de café e canas. Por este ângulo, é possível compreender que a viagem para o interior da cidade, serviu como inspiração para a escrita de Alencar, haja vista que o autor encontrou um cenário adequado para a produção do seu livro (CASTRO, 2012).

Precisamente, a fazenda de Palmas é o espaço centrado para boa parte da história e vida dos personagens, gerando, assim, as relações entre as atividades humanas e o meio natural para a produção agrícola, é nas pequenas comunidades camponesas aos arredores que os cidadãos e cidadãs estão inseridos no plano regional exposto em *Til*. Logo, pode-se dizer que *Til* também

retrata uma naturalidade da beleza brasileira. “Outro elemento nacionalizante presente no texto é a linguagem, a qual é utilizada também como forma de caracterizar o ambiente regional do interior paulista” (SILVA, 2004, p. 161).

Em *Til*, temos diferentes temas, o que nos leva a recortar a conexão entre a tematização política, o aspecto educacional ilustrado na obra, e alguns elementos do pensamento do autor. Sobre a educação presente no romance, é possível dizer que José de Alencar retrata o processo educacional tendo em vista a dificuldade ao acesso a uma educação escolar de qualidade, tanto para homens e mulheres livres, como para os escravos, como se nota no fragmento a seguir:

O grande esforço, que faz o idiota para decifrar as letras e sílabas, ressalva-lhe do rosto contraído. As feições de ordinário balordas e flácidas, como abandonadas à sua materialidade pela ausência do espírito, as confrange neste momento a tensão violenta do bestunto porfiando romper a rija crosta que o empederniu. Assim pasmam-se, em uma fixidez espantosa, as pupilas vagas e amortecidas; a belfa caída sempre como a mandíbula de um animal, a arreganhar a boca, dava-lhe uma expressão lorpa. [...] Às vezes parecia que, extenuado por esse afã, o bronco entendimento do rapaz ia desfalecer e sucumbir; pois perpassava-lhe no semblante uma ânsia repentina e seus olhos apagavam-se, como se a enorme cabeça vacilasse (ALENCAR, 1964, p. 52-53).

Em outro momento, a obra enfatiza como os negros eram considerados, dados como uma espécie “bruta”:

Branco está de orelha em pé; pois olha, Monjolo é negro de bem; quando ele dá sua palavra e aperta dedo mindinho, está acabado, é como rabo de macaco: quebra, mas não solta galho, por nada desta vida, nem que arrebente. - Anda lá, bruto, desembucha duma vez o recado, que não estou para aturar-te. - Ixe!... disse o preto fazendo um momo de pouco caso. (ALENCAR, 1964, p. 9).

José de Alencar, em algum dos seus discursos, afirma seus anseios em torno da importância de construir uma sociedade integrada por cidadãos que sejam úteis por sua intelectualidade:

Eis o que nós queremos. É a redenção do corpo e da alma; é a reabilitação da criatura nacional: é a liberdade como símbolo da civilização, e não como um facho de extermínio. Queremos, fazer homens livres membros úteis da sociedade, cidadãos inteligentes, e não hordas selvagens atiradas de repente no

seio do povo culto. (ALENCAR, 1871 apud FERREIRA, 2012, p. 145).

Cabe ressaltar que, ao analisar o modelo de educação utilizado no livro de José de Alencar, nota-se que durante a década de 70 houveram diversas discussões acerca da implantação da educação escolar, em especial a dificuldade de implantar o ensino educacional para os escravos, pobres e os chamados “inválidos” daquele período. Portanto, Ferreira (2012), o autor não só impôs sua visão literária no romance *Til* como também impulsionou seu olhar político no contexto, pois, para Alencar as propostas de implantar a educação escolar tinham um poder significativo.

Portanto, o modelo de algumas produções das obras de Alencar é caracterizado pela necessidade de enfatizar a relação da educação para os escravizados, logo, observa-se que o romance *Til* foi publicado também com esse objetivo, pois, o autor retrata a preocupação em instituir a educação para a cidadania, cujo propósito essencial diz respeito à formação dos cidadãos para o país.

A partir desse ponto de vista é possível constatar que José de Alencar desempenhou um importante papel na criação de novas expectativas no que diz respeito ao fortalecimento da produção literária voltada à valorização da relação cultural e da educação para a cidadania, principalmente a educação para os escravizados. Essa dinâmica, de acordo com as observações de Ferreira (2012, p.15), é marcante em *Til*, a partir da análise das fontes. “Percebe-se a recorrente preocupação do escritor em relação à educação dos ‘seus irmãos escravizados’, fato que vai ao encontro da articulação presente entre civilização e o grau de instrução da sociedade oitocentista”.

Havia em Santa Bárbara uma aula pública de primeiras letras, a qual ainda o vulgo pelo costume antigo tratava de escola régia. Servia de mestre um latagão de verbo alto e punho rijo, que fora outrora ferrador e a quem chamavam de Domingão. Fiel às tradições da antiga profissão, entendia ele lá de si para si que um bom processo de ferrar bestas devia ser por força excelente método de ensinar a leitura e a tabuada: e fossem tirá-lo dessa ideia! Assim encaixava o abecê na cachola do menino com a mesma limpeza e prontidão com que metia um cravo na ferradura. Era negócio de dois gritos, um safanão e três marteladas. Tal era o professor, a quem foi incumbida a tarefa de ensinar a ler ao Brás. Depois dos três primeiros dias de indulgência, pôs o ferrador em prática o seu método repentino, que desta vez, com pasmo seu, falhou completamente. “Nunca, em sua vida, dizia ele, tinha

encontrado um jumento de casco tão rijo”. Debalde o Domingão brandiu a pesada palmatória de guarantã, e ferrou uma chuva de formidáveis carolos na cabeça do Brás; não conseguiu dele em um mês que repetisse o nome das três primeiras letras. Quando lhe puseram nas mãos a carta pregada em uma tábua, o menino percorreu todos aqueles hieróglifos com olhos pasmos e botos, e só deu sinal de atenção, em descobrindo o til. (ALENCAR, 1964, p. 54).

É possível reconhecer que o romance *Til* desempenhou um papel importante na compreensão da falha do campo educacional daquele período e também evidenciou diferenças entre as classes sociais. Isso é perceptível no romance quando temos as seguintes passagens:

(a) Filha de um capitalista de Campinas, D. Ermelinda recebera em um colégio inglês da corte educação esmerada, que desenvolveu a natural distinção de seu espírito. Recolhida à sua província, teria sem dúvida perdido ao atrito dos costumes do interior aquele tom fidalgo, se fosse ele um artifício do hábito, em vez de um dom, que era da natureza, o qual o exemplo não fizera senão polir. [...] À expansão dessa natureza delicada, ao perfume de bom gosto que derramava em trono de si, deve-se atribuir a ausência de cor local que se notava senão em toda casa, ao menos na família. Aquela esfera que recebia a influência imediata da dona da casa, não era paulista, mas fluminense; e não fluminense pura, senão retocada já pelo apuro escocês e pela graça francesa. (ALENCAR, 1964, p.15)

(b) Sentindo a sedução que exercia em torno de si, não abusava, todavia, a menina, transformando-se em uma pequena tirania doméstica, à imitação de certas crianças dengosas. A não ser para conservar a liberdade, a que a habituara uma educação campestre, no mais esquivava-se quanto podia ao império que lhe deferiam os súditos de sua graça e gentileza. Assim explica-se como podia Berta passar horas e horas nas ruínas, observando Zana e esforçando por desvendar o mistério dessa louca solitária, que ali vivia ao desamparo, completamente esquecida e nutrindo-se de terra de raízes cruas, antes que a menina se incumbisse da tarefa de prover a sua subsistência. No dia em que estamos não acabou Zana a pantomima de sua visão diária. (ALENCAR, 1964, p.41)

Não me torno, porém, escravo de um homem, que nasceu rico, por causa das sobras que me atirava, como atiraria a qualquer outro, ou a seu negro. Não foi por mim que ele fez isso; mas para mostrar ou por vergonha de enxotar de sua casa a um pobre diabo. A terra nos dá de comer a todos e ninguém se morre por ela. (ALENCAR, 1964, p. 33)

Com isso, Barbosa afirma:

[...] de um romance que trata de estratos menos privilegiados da sociedade sob nova perspectivas. Em relação aos romances anteriores, a grande novidade trazida por Til é que, nele, dá-se um confronto entre o mundo da elite e o restante da sociedade que, apesar de ser mostrado como periférico em relação ao núcleo de poder, tem no enredo do livro um papel de peso equivalente. (BARBOSA, 2015, p. 57).

Diante das verificações dos fatos que pactuam o livro, percebe-se que José de Alencar, escreveu essa obra com o propósito de evidenciar as raízes históricas e ideológicas do povo brasileiro. Neste sentido, Silva (2004, p. 101-102), ressalta, “ele se encontrou diante de uma dupla tarefa: colaborar para a criação da literatura genuinamente brasileira e, ao mesmo tempo, encontrar uma maneira eficiente de vazar em prosa a fórmula da brasilidade literária”.

EFEITOS DE PRODUÇÃO

Quando nos debruçamos sobre o debate da obra Til na sequência histórica, passamos a entender que ela deve ser compreendida sob várias perspectivas e efeitos, podendo elencar elementos envolvidos em torno da interpretação do referido texto, como por exemplo, o tipo de leitor, o tempo em que foi escrito o romance e o período em que está sendo efetuado a leitura, pois, esta obra retrata algum momento relevante da história do Brasil em tempos passados, e se porventura o leitor não se atentar ao tempo em que foi elaborado o texto poderá designar como uma problemática para o entendimento e a apreciação da obra.

Dentro dessa multiplicidade discursiva determinada ou influenciada pelo lugar e tempo social ocupado pelos indivíduos em seu devido contexto histórico, percebe-se os diferentes efeitos causados pela obra, tanto nos leitores da época como para os leitores atuais, haja vista que recordando a história da literatura brasileira no século XIX, entende-se que ainda era bastante forte a influência do estilo europeu nas obras nacionais. Por consequência disto, o público daquele período já havia consolidado uma visão literária voltada para a obras estrangeiras, o que contribui para a precisão do

gênero nacionalizado, algo que os literatos como José de Alencar tomaram como responsabilidade para a criação de suas obras. (SILVA, 2004).

Por outro lado, esse novo estilo literário não foi bem recebido pela maioria dos leitores daquele período, tendo em vista que causava estranhamento para eles, pois, os mesmos estavam marcados pelo modo de escrita europeia, logo, a temática nacionalista era de certa forma uma novidade para o povo brasileiro o que ocasionou desprezo por grande parte dos referidos leitores. Com isso, cabe destacar que essas obras literárias, e principalmente as de Alencar, se construíram a partir do retrato social do povo brasileiro envolvendo as problemáticas sociais, as quais, tornaram-se um campo de reflexão crítica, de militância e de “exposição” sobre a realidade à qual os homens, mulheres, crianças e escravos estavam inseridos naquele momento.

Diante disto, destaca-se a perspectiva sobre realidade da vida das mulheres, as quais, independentemente do tempo que são inseridas, poderão severamente sofrer consequências e ser punidas, uma vez que, por um simples ato de desrespeito ou deslealdade matrimonial, podem estar sujeitas à morte. Como foi retratado o destino da personagem Besita (mãe de Berta), a qual foi morta pelo marido por motivos de ciúmes: “No meio do aposento, o Ribeiro, pálido e medonho como um espectro, agarrando a mulher pelo pescoço, estrangulava-a com a longas tranças de cabelos” (TEIXEIRA, 2012, p. 206).

Assim sendo, esses efeitos enobrecem o romance em questão, em suas características de pioneirismo para a literatura nacionalista, ganhando, assim, uma diversidade e enaltecimento para todos os tipos de leitores ao decorrer dos anos. Tem-se assim, uma pluralidade de sentimentos que a obra resulta para seus apreciadores, dito isso, essas realizações, ao que se observará, são divergentes outrora são interligadas entre os leitores de diferentes gerações e cenário histórico.

Nota-se que para Alencar atingir tais efeitos que provocassem o entretenimento e que também cativassem o público, ele lançou mão de suas qualidades técnicas e literárias. Portanto, o autor deu vida aos personagens de forma que eles pudessem retratar a identidade dos brasileiros especialmente daqueles que moravam no campo. Além disso, Alencar apostou nas peculiaridades dos elementos de índole nacional, os quais, formaram o cenário do mencionado romance.

A partir dos itens avaliados no contexto do romance de José de Alencar, coadunam para a perspectiva de que existe uma conjunção de problemas sociais os quais ainda não foram solucionados em tempos atuais. Nesta

condição, nota-se uma interligação na comparação de situações desagradáveis para as necessidades de grupos sociais que não foram privilegiados perante as políticas governamentais e continuam sendo desprovidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo conclusivo, podemos compreender, a multiplicidade das temáticas apresentadas em Til, a qual carrega uma forte denúncia social e política dos anos 70. Sendo assim, observou-se a dura realidade dos negros livres e escravizados daquele período, os quais eram considerados desprovidos de inteligência, contudo, eram eles que sustentavam boa parte das riquezas dos homens Brancos, com seus serviços braçais e árduo. Com base nisso, em meio às figuras bem vestidas e sofisticadas existiam os outros indivíduos, com a realidade totalmente diferente, que se encontravam entre os capinzais:

Adiante vinham o rei e a rainha do Congo, montando soberbos cavalos ricamente ajazados e trajando custosas roupas de veludos e sedas. Seguiam-se os cavalheiros e damas da corte, que não ficavam somenos aos soberanos do imaginário reino africano. Fazia de rainha Florência, que nesse dia triunfava sobre a rival, a mucama Rosa. O rei era o pajem de um ricoço da vizinhança; e todos os outros personagens, cativos das fazendas próximas. O luxo que ostentavam fora pago, parte com as suas economias, e parte com dádivas dos senhores, cuja vaidade se personificava nos próprios escravos. [...]No meio das figuras, vestidas à antiga e de fantasia, saltavam outras, cobertas ou antes eriçadas da cabeça aos pés com os molhos de um capim duro e hispido. Agitado pelo contínuo movimento, produzia essa croça verde um vivo sussurro, ao qual respondiam os chocalhos de latas e as cabaças, que tangiam os pretos assim mascarados. (ALENCAR, 1964, p. 140-141).

Tratando-se disso, José de Alencar, firmava o seu posicionamento em torno da escolarização para os escravizados, pois, através da educação sistematizada eles poderiam resistir e sobreviver dentro do campo social. Isso partia de um pensamento otimista do escritor, pois, acreditava que escravos tendo sua formação básica poderiam se integrarem à sociedade (FERREIRA, 2012).

Dessa forma, Alencar repudiava a imagem dos escravos ser associada à irracionalidade e a ignorância, e desaprovava os modos de vida que muitos escravos vivam, visto que, esse tipo de situação desconstruía a moralidade

do campo civilizatório brasileiro. Além disso, a escravidão resultaria na lentidão do progresso social e econômico do país (FERREIRA, 2012).

Com bases nessas ânsias, tornou-se decifrável algumas das diversas atribuições deixadas por José de Alencar, desde o seu desejo de enraizar os costumes e valores do pertencimento do povo brasileiro, no período do Romantismo, até sua excitação para a formação educacional para os escravos e também para aqueles inseridos na camada mais pobre da sociedade, os quais mesmo sendo livres, tinham dificuldade ao acesso da escolarização.

Por outro lado, tinha-se Berta, com a função de ser educadora, enfrentando as dificuldades para educar e disciplinar, numa época em que as mulheres lentamente estavam ganhando seu pequeno espaço na sociedade. Para mais, em Til, nota-se, também, a abordagem da educação especial naquela época. Desse modo, a representação de Berta simboliza a benevolência ao ensinar, pois, apesar da dura dificuldade de Brás em compreender o processo da alfabetização, e com seus momentos de desânimos, Berta tinha a capacidade de trazê-lo ao animo, como se nota no excerto adiante:

Nesses momentos de obliteração, porém, o doce olhar de Berta sustinha aquele espírito titubeante prestes a submergir-se nas trevas. Entrelaçando o rude labor da lição com sorrisos e meiguices, que orvalhavam a alma enferma do mísero idiota, a carinhosa mestra não só incutia-lhe o ânimo de perseverar no insano esforço, como iluminava com um vislumbre de sua alma a densa caligem daquele cérebro granítico (ALENCAR, 1964, p. 53).

Não é difícil entender as razões que fazem com que a obra Til seja inserida no panorama de livros mais complexos da literatura nacional. Haja vista que, trata-se de um romance representativo do povo brasileiro de décadas passadas, e com vestígios de suas características na contemporaneidade. Abordando temas como, o difícil acesso à educação para os menos privilegiados e aos deficientes; a valorização da mulher como profissional (com exemplo de Berta); a denúncia da desvalorização das mulheres em quanto ser social; o trabalho nas lavouras e cafezais e a relação dos escravos com seus senhores.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Til**. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

ANTUNES, Irandé. **Análises de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BARBOSA, Paula Maciel. A fazenda assombrada: figurações da escravidão no romance *Til*, de José de Alencar. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 60, p. 55-76, abr. 2015.

BARBOSA, Paula Maciel. **O idílio degradado**: um estudo do romance *Til*, de José de Alencar. Tese (Doutorado Letras) - faculdade de filosofia, letras e ciências humana departamento de letras clássica e vernáculas programa de pós-graduação em literatura brasileira, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

BORGES, Valdeci Rezende. **O “romance brasileiro”** de José de Alencar nas páginas da imprensa fluminense de seu tempo. *Anais do SILIEL*, Uberlândia, v:3, 2013.

CASTRO, Rodrigo Campos de Paiva. **Alencar e Kleist**. *Til e Toni*. Crise(S) da identidade na servidão e na escravidão modernas. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Departamento de Letras Modernas Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. Tradução George Schlesinger. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

FERREIRA, Fernanda de Jesus. **“A redenção do corpo e da alma”**: a representação literária da educação dos escravizados em José de Alencar (1850-1875). Dissertação (mestrado em Educação) - Faculdade de educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

PELOGGIO, Marcelo. José de Alencar: um historiador à sua maneira. **Alea: estudos neolatinos**, Rio de Janeiro, v: 6, p. 81-95, jun 2004.

SILVA, Alexandra Lima da. Caminhos da liberdade: os significados da educação dos escravizados. Universidade do Estado do Rio de Janeiro - **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, 2018.

SILVA, Hebe Cristina da. **Imagens de escravidão**: uma leitura de escritos políticos e ficcionais de José de Alencar. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) - Instituto de estudos da linguagem. Departamento de teoria e história literária. Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2004.

TEIXEIRA, Ivan. Apresentação e notas. In: ALENCAR, José de. Til. São Paulo: **ateliê** Editorial, 2012.